A longa marcha da libertação

A «Casa dos Bicos» — o mais amplo salão de exposições da cidade da Beira — foi pequeno para a grandeza do encontro nela realizado de 8 a 12 do corrente mês.

Vindos do Norte, Leste, Sul, de todo o País, cerca de 1 500 combatentes da Luta Armada de Libertação Nacional, membros das Forças Armadas de Moçambique (FPLM) ou «desmobilizados» ou, ainda, afectados em diversos sectores da reconstrução nacional encontraram-se aí para debater os problemas da nossa sociedade e os deste sector em particular com o Presidente Samora Machel e outros membros da direcção do Partido Frelimo, do Estado e das FAM/FPLM.

Este encontro com «os construtores da Pátria Moçambicana, os fazedores da vitória» — no dizer do Marechal da República, Samora Moisés Machel — foi «uma das mais belas e raras reuniões da História Moçambicana». No final das intervenções que se caracterizaram pela sinceridade, profundidade, elevada consciência política e espírito patriótico e de «lições» de política, economia e sociologia, a reunião terminou em apoteose, após ter sido anunciada a criação de uma Secretaria de Estado para tratar de assuntos daqueles que combateram na Luta Armada de Libertação Nacional e uma Associação dos Antigos Combatentes, num futuro próximo. Particularmente significativo foi o facto de na sua totalidade os participantes se terem, uma vez mais posto à disposição do seu Comandante-Chefe para a luta contra os bandos armados pela África do Sul, em defesa da nossa Independência.

É a este encontro que nos reportamos detalhadamente nos textos seguintes.

● Fotos: Carlos Calado e Arquivo ● Textos: Arlindo Lopes

De Kôngwa à Beira

No vasto salão, casacos, gravatas e camisas de todas as cores; uniformes de gala; cabelos brancos ao lado de rostos ainda jovens; algumas barrigas agora volumosas ao lado de bustos de porte militar — não conseguem disfarçar a origem e o passado dos homens que ansiosamente aguardam o início da reunião.

Até momentos antes desta começar, crianças cantam o amanhã brilhante que estamos a construir, na Pátria que estes homens e mulheres heróicos ajudaram tão decisivamente a libertar.

A reunião da Beira faz parte de um processo na História da nossa Libertação que o Presidente Samora Machel sumariamente reconstituiria, na sua intervenção inaugural e no qual o guerrilheiro ocupa o lugar central. Este era **o termómetro para medir a temperatura no processo da luta de libertação nacional»**, dizia-me um veterano, a propósito deste tipo de reuniões que a direcção da Frente de Libertação de Moçambique promovia com frequência naquela altura para discussão dos problemas fundamentais do processo revolucionário

Não é possível situar-se devidamente este encontro, sem revermos ainda que superficialmente algumas etapas principais da luta de libertação nacional em que o papel do braço armado do Povo moçambicano foi decisivo, assim como a trajectória dos combatentes da liberdade após a proclamação da Independência.

Esse papel inicia-se com o desencadeamento da própria luta armada de libertação nacional. Este facto teve como antecedente necessário a fundação da Frente de Libertação de Moçambique e sobretudo a realização do I Congresso (23 a 28 de Setembro de 1962), numa primeira fase, cuja tarefa principal era conquistar a unidade nacional. A guerra iniciada a 25 de Setembro de 1964 desenvolve-

«O guerrilheiro era o termómetro para medir o grau de desenvolvimento da Luta Armada de Libertação Nacional»

Em meados de 1964 um grupo de guerrilheiros parte de Kôngwa para iniciar, em 25 de Setembro, a longa marcha da libertação

-se rapidamente; as primeiras zonas semilibertadas são criadas e abertas novas frentes de combate.

FPLM: NO CENTRO DOS ACONTECIMENTOS

Assim surge o II Congresso — o Congresso de Balanço — que permitiu dar um «salto qualitativo» à luta de libertação nacional. Que tipo de independência? — é a questão central que é colocada. A Frente de Libertação de Moçambique começa a assumir certas características de partido, com as decisões tomadas acerca da emancipação da mulher, a luta contra a exploração do homem pelo homem, a necessidade da aliança com os países socialistas e a luta anti-imperialista. Na reunião da Beira participam 44 testemunhas deste acontecimento realizado em 1972, no Niassa, e que confirmam estes factos.

Entretanto, facto importante foi a «Nó Górdio», a ofensiva colonial-fascista desencadeada em 1970 contra a Frente de Libertação de Moçambique e que foi vergonhosamente derrotada. Na altura o Comité Executivo da Frente analisou devidamente as suas consequências e dela se tiraram lições que permitiram, por exemplo, que as Forças Populares de Libertação de Moçambique passassem a ofensiva através de Tete, até estender a luta nas províncias de Manica e Sofala, rumo ao Sul. (Julho de 1972).

Outro fenómeno significativo neste período que se seguiu à operação do general fascista Arriaga foi a infiltração de agentes do inimigo nas FPLM: primeiramente em Tete (segundo confirmam onze dos presentes na reunião) e em Cabo Delgado, onde a sua rede foi desmantelada em Outubro/Novembro de 1973. Trinta e nove combatentes recordam vivamente esse período.

A qualidade da luta, a nossa política, a justeza da política da Frente de Libertação de Moçambique levam o inimigo a enveredar pelo caminho da subversão» — conclui o Presidente Samora Machel. Outro facto que demonstra igualmente o desespero dos colonos é a manifestação de alguns deles na Beira e em Vila Pery, em Julho, de 1973, contra o exército colonial acusando-o de fraqueza.

A FORMAÇÃO DO EXÉRCITO REGULAR

Após a assinatura dos Acordos de Lusaka para a transferência de poderes para a vanguarda do Povo moçambicano e principalmente durante o Governo de Transição começa um fenómeno novo, com a passagem do guerrilheiro do campo à cidade e todos os problemas sociais e culturais que isso implicou. Estes fenómenos foram agravados com a actuação reaccionária da burguesia colonial e outros agentes imperialistas e aspirantes à burguesia nacional que tudo fizeram para corromper material e moralmente os combatentes. Alguns não lhes conseguiram resistir e algumas medidas duras tiveram de ser tomadas para a defesa da revolução.

Em todos os momentos históricos da Guerra de Libertação o braço armado do Povo moçambicano teve um papel fundamental

Nós não queremos ser bodes expiatórios; a solução deste problema deve ser política, teriam na altura escrito os oficiais portugueses a Marcelo Caetano que entretanto optou pela derrota militar, por se recusar a **negociar com terroristas.**

Entretanto o 25 de Abril foi, segundo diz o Marechal Samora Machel, **a soma das lições que os guerrilheiros deram na floresta aos oficiais portugueses e que foram aplicar em Portugal.** Dois dias depois do golpe de Estado o Comité Executivo divulgou um comunicado em que se saudavam as forças democráticas portuguesas e ao mesmo tempo se reafirmavam os objectivos da FRELIMO: a independência total e completa do país e a liquidação do colonialismo sob todas as suas formas.

Poucos meses após a proclamação da Independência, foi estabelecido o vencimento para os guerrilheiros. Esta medida, lógica, também teve os seus efeitos imediatos se atendermos ainda à origem da maior parte dos combatentes. Nesta mesma sala, apenas 79 dos presentes tiveram emprego antes de se engajarem na Frente de Libertação de Moçambique e a esmagadora maioria é de origem camponesa. Não estavam habituados a pagar fosse o que fosse. Assim 800 elementos fardados e armados desencadeiam o conflito de 18 de Dezembro de 1975, conhecido por «Javalismo» na capital do País.

Quem eram eles? Quem representavam; senão o prolongamento da infiltração que combatíamos

nas zonas libertadas? — pergunta o Presidente Samora Machel, acrescentando como esta tentativa foi vencida. Após este facto, a ocorrência mais significativa no ano seguinte foi o início da guerra do Zimbabwe, pela qual muitos combatentes moçambicanos deram também o seu sangue. Entretanto, de 1976 a 1979, período em que também ocorreu o III Congresso da FRELIMO e a Estruturação do Partido (1977 e 1978, respectivamente) inicia-se o processo de reorganização e reestruturação do exército, em que foram lançadas as bases do exército forte e poderoso capaz de defender a Independência conquistada. Novos jovens são incorporados para dar novo dinamismo; jovens mais habilitados para dominar a técnica moderna que um exército regular, com todos os seus ramos, exige. Alguns dos veteranos são desafectados por doença, idade ou para darem a sua contribuição noutros sectores da reconstrução nacional.

UM DESTINO PARA O CADÁVER DO COLONIALISMO

O levantamento da situação do guerrilheiro e das suas responsabilidades, durante a luta de libertação nacional, inicia-se em 1981. Mas em 1980 e mais tarde houve dois factos particularmente importantes que foram a introdução de patentes e a aprovação pela Assembleia Nacional das condecorações pelos feitos heróicos. Estas vão abranger os heróis da Luta Armada de Libertação Nacional, internacionalistas que lutaram pela independência do Zimbabwe assim como os Heróis que se vão revelar na luta contra os bandos armados.

Face aos complexos problemas que surgem durante estes últimos sete anos, apenas em Janeiro deste ano foi decidida a realização do encontro dos antigos combatentes, a fim de conjuntamente se analisar a situação política, económica, cultural e social do País, e particularmente, como diria o Presidente Samora Machel **dar um destino ao cadáver nauseabundo do colonialismo que o imperialismo, quer reanimar através de coramina,** os bandos armados pelo regime racista da África do Sul. □

O reencontro

O reencontro com os companheiros da Marcha, combatentes nas frentes de combate de Cabo Delgado, Niassa e Tete

O início não foi fácil.

Na Casa dos Bicos a atmosfera era ainda pesada quando se entoou «Marere» — a bela canção que recorda as l o n g a s marchas através do Zambeze, nas matas de Cabo Delgado ou no Niassa — As vozes enfraquecidas pareciam sair de gargantas roucas, cansadas.

Parece que estou reunido com funcionários, diria o Presidente Samora Machel, a este propósito. Eram caras «amachucadas» na expressão pitoresca de um guerrilheiro «por doença ou pelos problemas transportados. **Queremos falar o mais depressa possível,** dizia-me o meu interlocutor, no intervalo da primeira sessão de trabalhos.

No dia seguinte, quando os jornalistas foram de novo autorizados a estar presentes ao encontro, após um encontro à porta fechada na tarde de quarta-feira, assistimos a uma verdadeira aula política, autênticas lições de patriotismo, engajamento revolucionário e elevada consciência política. Com uma clareza, objectividade, franqueza e profundidade raras, os intervenientes fizeram, no seu conjunto, uma verdadeira radiografia da situação do País, em depoimentos comoventes que foram magistralmente complementados pelas brilhantes intervenções do Presidente Samora Machel, que falou detalhadamente sobre as conquistas após a proclamação da Independência e deu autênticas palestras sobre a Nova Ordem Económica Internacional, sociologia e cultura.

«SOMOS CONSIDERADOS LIXO»

A maior parte das intervenções cingiram-se basicamente aos seguintes temas: a batalha política e ideológica em todos os níveis do Partido e do Estado durante os preparativos do IV Congresso do Partido Frelimo, a exigência de se vencer a fome para a construção do socialismo; a situação económica e social dos combatentes da luta armada de libertação nacional e a luta contra os bandos armados.

Denunciaram-se infiltrações nas estruturas do Partido e do Governo, com exemplos vivos e concretos trazidos de vários sectores económicos. Os problemas da produção de comida para o povo, dos transportes, escoamento dos produtos, comercialização agrária, ex-

«E preciso que qualquer que seja o sector onde estejam afectados, constituam a vanguarda»

portação e importação de bens essenciais, aprovisionamento e justiça foram abordados com franqueza e sinceridade. Como exemplo, em relação ao combate à fome, um veterano sublinharia que apenas se pode construir o socialismo, **com a comida no estômago.**

Durante a guerra — acrescentava — **o que sustentou o povo foi a agricultura tradicional que o papá e a mamã faziam.** Esse guerrilheiro afirmou que ele e mais um grupo de companheiros estavam dispostos a contribuir com os seus conhecimentos e a sua experiência para minorar os problemas de abastecimentos da população do Maputo, particularmente no fornecimento de hortícolas, tendo comovido os presentes ao acrescentar que estava disposto a **dar a vida** caso isso não se verificasse até 1983. A sala em pé aplaudiu o corajoso orador.

Outros falaram detalhadamente sobre a situação dos combatentes da libertação nacional que não se encontram actualmente em tarefas do Ministério da Defesa Nacional. Estando afectos a outros ministérios. **Há sectores onde se diz:** «A tarefa agora não é do guerrillheiro. Vocês tiveram esse privilégio, mas não são mais do que nós», apontou um dos intervenientes denunciando assim a marginalização a que muitos se vêem sujeitos. Isto, frisaram, esconde muitas vezes, a prática do nepotismo, a prepotência a arrogância, o individualismo e mesmo a corrupção que ainda existe em vários sectores do Aparelho de Estado.

Não nos consideram quando colocamos problemas. Não temos acesso ao estudo porque somos colocados longe das escolas. Continuamos analfabetos, diz outro veterano, concluindo amargamente: **Muitos de nós somos considerados como lixo nos sectores onde estamos afectos.**

«A MAIORIA É BENEFICIADA»

A falta de instrumentos de trabalho — enxadas, picaretas, pás, machados — em vários centros de produção do campo foi outro factor apontado, para além do abandono a que está votada essa categoria de combatentes, numa das mais importantes frentes da reconstrução nacional. Face a estas e outras situações injustas de que são vítimas, os combatentes afirmaram que foram **a consciência e o conhecimento dos motivos pelos quais lutámos que nos deram coragem.**

A maior parte destas intervenções eram correctas e por isso o Presidente Samora Machel elogiou **a sinceridade e a verdade dos que falaram. Essa verdade e franqueza, constituiram o segredo do sucesso da reunião. A verdade fustiga e doi, mas é revolucionária. A mentira é reaccionária.** — disse o Co-

Um combatente no uso da palavra. As intervenções, durante a reunião da Beira, caracterizaram-se pela franqueza, profundidade elevada consciência política e espírito patriótico notáveis

mandante-Chefe das Forças Armadas de Moçambique, acrescentando que essa coragem só foi possível porque os guerrilheiros **carregam o povo no coração». Vocês representam a pureza da nossa linha e dos nossos ideais**, concluíu o Marechal Samora Machel.

Houve no entanto intervenções que reflectiam também o desconhecimento da situação do país, por parte de alguns guerrilheiros devido à sua longa, ausência do processo da reconstrução nacional, o que levou o Presidente Samora Machel e transformar as suas intervenções e mesmo o discurso final, num longo relatório-balanço das nossas conquistas durante os sete anos de independência. Aos guerrilheiros sublinhou que houve de facto **erros que permitiram que alguns tivessem sido marginalizados.**

Mas não tínhamos ignorado os feitos heróicos que praticaram, a glória que transportam como heróis da libertação, acrescentou. Como exemplo, apontou a sua intervenção, em Setembro de 1981, durante uma visita a Cabo Delgado onde detectou e mandou corrigir uma situação errada que então se verificava: a detenção prolongada de combatentes da libertação que tinham cometido alguns pequenos erros, ao lado de criminosos, desertores, traidores, vagabundos, ladrões, nos campos de reeducação. Citou também a criação de alguns centros para os veteranos idosos e doentes em Cuamba e noutras partes do País onde foram abertas escolas para alfabetização, tendo o Ministério da Defesa Nacional assumido o compromisso de continuar a pagar a esses guerrilheiros o vencimento durante três anos. E concluíu: **A maioria é beneficiada; a minoria é que sofreu injustiças.**

DE «MARERE... A MACHAZE»

O debate franco e aberto vai permitir corrigir essas anomalias, e a criação de uma Secretaria de Estado para tratar de assuntos dos antigos guerrilheiros e da sua Associação são instrumentos que vão contribuir, ao nível do Governo e das organizações de massas, solucionar tais problemas.

No final, a alegria era notória nos rostos de todos, particularmente durante a recepção oferecida pelo Chefe de Estado aos participantes a este encontro. Quando o Marechal Samora Machel propôs que todos tirassem as gravatas para de novo envergarem o uniforme para combater os bandos armados, foi interrompido com altos brados de apoio, e os guerrilheiros entoaram alto e bom som a «Marere» agora acrescentado algumas estrofes com os nomes «Machaze», «Búzi» e «Beira» que esta nova fase da luta torna conhecidos. □

UM PRIVILÉGIO

Dentre os inúmeros e marcantes factos que ocorrem na vida, há alguns que se tornam verdadeiramente inesquecíveis. A reunião que tive o privilégio de assistir na cidade da Beira, de 8 a 12 do corrente mês, é uma dessas ocorrências. É importante só o facto de ali terem estado concentrados de uma só vez um milhar e meio de veteranos da Luta Armada de Libertação Nacional, os que como artilheiros, professores, enfermeiros, comandantes, especialistas de diversas técnicas guerrilheiros ou simplesmente combatentes da liberdade, que deixaram o seu nome para sempre ligados à libertação deste país.

Esta presença do que se chamou «monumentos vivos que transportam a parte mais recente da nossa História» **é de facto inolvidável. Mas o que para mim torna este encontro** raro e único, **é o comportamento nele manifestado tanto pelos participantes como pelos dirigentes. Foram inúmeros os presentes que pediram a palavra e por falta de tempo nem a terça parte pôde beneficiar desse privilégio. No entanto, os que falaram na sua maior parte apresentaram problemas de fundo, cuja solução beneficiará a todos. A franqueza, a abertura e a confiança com que os problemas eram apresentados transportou a minha memória para a primeira ocasião em que assistira a uma reunião que pelo seu carácter se aproximava desta. Foi em 1978 nas aldeias de Mbau (Mocimboa da Praia) e Miteda (Mueda) quando a população daquelas zonas libertadas discutia problemas da falta de instrumentos de produção e outras questões sociais, políticas e económicas com o então governador substituto da Província, Armando Guebuza.**

A mesma franqueza, objectividade e consciência política vi na reunião dos antigos combatentes. Uma franqueza que não necessita de estereotipos, não se esconde através de servilismos, nem de palavras ocas para chamar as coisas pelos próprios nomes e apontar directamente os responsáveis pelos erros cometidos. Estas atitudes só são possíveis entre camaradas que têm a mesma linha política, os mesmos ideais e falam a mesma linguagem. Que juntos estiveram ontem na trincheira, à chuva, nas matas da guerrilha combatendo corajosamente contra o ocupante estrangeiro e hoje de novo querem continuar na primeira linha do combate contra o subdesenvolvimento e as ameaças do imperialismo contra a nossa independência. Os intervenientes estavam a dirigir-se confiadamente a um guerrilheiro como eles, ao «Camarada Presidente» ou «Camarada Comandante-Chefe».

Aquelas caras «amachucadas» dos primeiros dias tornaram-se abertas e sorridentes no último, porque tinham enfim exercido o seu legítimo direito à palavra e mais do que isso, retomado uma tradição sã e necessária adquirida durante a Luta Armada de Libertação Nacional: a da discussão aberta e franca dos problemas entre a direcção e a base para a sua solução correcta.

Como diria um guerrilheiro durante a sessão final «Estamos agora mais libertos, com a consciência retemperada e revitalizada; prontos a avançar para qualquer parte que o Comandante-Chefe decida».

A Beira, cuja população reservara à chegada uma das mais belas e impressionantes manifestações de carinho ao Chefe do Estado, com o seu clima ameno, neste princípio de Junho, reservara-me esta surpresa agradável. Por mais que aqui houvesse frio como em Maputo, ou ainda mais no Niassa ou noutras partes do País, o calor da camaradagem, daqueles homens tê-lo-iam sem dúvida desfeito.